

## Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos

*Gender perspective in radio studies*

*Perspectiva de género en los estudios de radio*

*Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry*

Segundo dados do Ministério do Trabalho, em 2014 as mulheres ocupavam 55,59% do total de postos do mercado jornalístico. No entanto, essa ocupação se concentrava em funções como a revisão de texto (76,38%), jornalista (60,59%) e assessor de imprensa (65,32%). Já em cargos considerados de maior status, por envolver posições de liderança ou de visibilidade, como diretor de redação (38,78%) ou repórter (45,74%), a presença feminina diminui (MADSEN, 2020). Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) indica a manutenção do cenário em 2022, com 61% dos cargos de liderança sendo ocupados por homens e revela ainda a existência de desigualdade de remuneração entre homens e mulheres no campo.

**>> Como citar este texto:**

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

### Sobre a equipe editorial

**Debora Cristina Lopez**

[debora.lopez@ufop.edu.br](mailto:debora.lopez@ufop.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professora de Jornalismo e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOMs) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin), ambos na UFOP.

**Marcelo Kischinhevsky**

[marcelok@forum.ufrj.br](mailto:marcelok@forum.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Professor do PPGCOM e dos cursos de Jornalismo e Rádio e TV da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), é doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição, onde atua ainda como diretor do Núcleo de Rádio e TV. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

**Lena Benzecry**

[lena.benzecry@gmail.com](mailto:lena.benzecry@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-1258-8123>

Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, é jornalista, designer e pesquisadora, responsável pelo projeto gráfico e diagramação de **Radiofonias**.

De acordo com a Workr, plataforma de comunicação corporativa do portal Comunique-se, 15.654 mulheres estavam empregadas em veículos de comunicação em 2019, o equivalente a 36,98% dos postos de trabalho no mercado de imprensa nacional. No rádio, contudo, a participação feminina era ainda menor: apenas 2.284 mulheres (20,5% do total) trabalhavam em funções jornalísticas, como repórter, apresentadora e diretora de redação, contra 11.182 homens.

Com diferentes amostragens e metodologias, estas pesquisas evidenciam a profunda desigualdade de gênero que historicamente caracteriza a mídia no Brasil, sobretudo no rádio, onde prevalece a voz masculina. Este cenário começa a ser alterado nos anos 1970, a partir de iniciativas pioneiras como a Rádio Mulher (SP), e mais recentemente de mudanças na gestão de emissoras públicas e privadas, cada vez mais atentas às discussões em torno de equidade de gênero. Mas, ainda hoje, prevalecem na maioria dos casos rotinas produtivas marcadas por práticas machistas e misóginas, não raro com situações explícitas de assédio moral e sexual. Um ambiente permeado por uma masculinidade tóxica, em que a voz das mulheres e de pessoas de sexualidade não binária ainda se faz ouvir pouco, muitas vezes reiterando estereótipos.

Este fenômeno não é exclusivo da comunicação. Ainda que observemos diferenças entre ramos específicos, no geral a presença de mulheres diminui conforme avança-se nos níveis da carreira (OLIVEIRA e BELCHIOR, 2009; LOPEZ et al., 2021). Na academia, discute-se também o sub-reconhecimento das pesquisadoras e seus impactos no desenvolvimento das pesquisas, nas subvenções de projetos (OLIVEIRA et al., 2021) e consequentemente na verticalização das carreiras (KNOBLOCH-WESTERWICK; GLYNN, 2013). Lopez et al. (2021) indicam que a sub-valorização das cientistas mulheres é também uma realidade nos estudos radiofônicos brasileiros e que este é um problema a ser reconhecido e enfrentado pelo campo para que se possa buscar, aos poucos, um equilíbrio da desigualdade estrutural que afeta o campo acadêmico.

No mercado, em casos de crescimento na organização hierárquica empresarial, a mulher enfrenta mais um impacto do machismo estrutural e da

agressividade que lhe é imposta cotidianamente. Como explicam Pacheco e Silva (2020, p. 7), “quando transcendem os espaços considerados masculinos e ocupam posições de autoridade e poder, pesam sobre essas mulheres suspeitas sobre suas habilidades e acusações de uso da sedução para tal”. Os autores destacam, a partir de uma entrevista realizada com 38 mulheres jornalistas esportivas de Belo Horizonte (MG), que essas mulheres são questionadas em sua feminilidade, contestadas em sua autoridade e são alvo de xingamentos (p. 7). Também na pesquisa realizada pela Aberje (2022), 72% das entrevistadas dizem já ter sofrido assédio no ambiente de trabalho. Este cenário gera uma constante necessidade de se impor para garantir o respeito – com colegas de trabalho, fonte e público. Os desafios dizem respeito também a constrangimentos cotidianos e ao pressuposto do desconhecimento para atuar em determinadas especialidades, como é o caso do esporte (PACHECO e SILVA, 2020).

Este cenário reflete algo mais complexo, o parâmetro de cidadão atribuído ao indivíduo que se caracteriza como homem branco, heterossexual e proprietário, que por isso tem seus direitos respeitados e suas garantias constitucionais (GOBBI, 2021). Em resumo, “uma sociedade patriarcal, alicerçada em uma herança colonialista e amplamente discriminatória” que impõe barreiras às mulheres (GOBBI, 2021, p. 23). Entre essas barreiras, a mobilidade profissional se destaca, inscrita em questões como as restrições à liberdade em alguns países; expectativas sobre maternidade e cuidado com idosos ou crianças; e a baixa representatividade em cargos de poder (FRAGA e ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2020). Este sedentarismo involuntário identificado pelos autores – seja para movimentações transfronteiriças permanentes ou temporárias – afeta também a mulher comunicadora, limitada em sua carreira por barreiras simbólicas impostas por relações socioculturais, políticas, organizacionais e biológicas ainda pouco tensionadas nos campos históricos dinâmicos que caracterizam os novos modelos de carreira.

No rádio, podemos observar distintos silenciamentos das vozes femininas, apagamentos de sua presença na história e no desenvolvimento do

meio. Como indica Juliana Gobbi (2021), as mulheres são excluídas da história como se estivessem fora do acontecimento – e a história do meio é contada a partir da memória de homens, atribuindo um status de universalidade à experiência masculina e invisibilizando a feminina. Este movimento, lembra ela, é reforçado pela falta de documentação que afeta o rádio como objeto de estudos, mas revela também a ausência de registros sonoros e impressos das produções de mulheres no meio.

Neste cenário complexo, observamos também pontos positivos. O debate de gênero e sua interface com o rádio tem sido mais estudado – em quantidade e em diversidade de perspectivas. Este dossiê pretende contribuir para o debate, trazendo pontos de vista variados sobre o fenômeno. Partimos, então, da compreensão do campo em suas perspectivas teóricas e metodológicas para avançar para estudos de caso sobre a interface entre gênero e comunicação radiofônica.

No primeiro artigo desta edição, inteiramente dedicada ao dossiê “Rádio e gênero”, a pesquisadora Paula Alicia Morales, da Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina, apresenta o modelo de abordagem “Transversalização da Perspectiva de Gênero em Rádio”, defendendo uma análise integral da materialidade sonora para compreender a presença ou ausência de mulheres no discurso radiofônico. A autora constrói uma proposta metodológica a partir da perspectiva de gênero para observar o objeto radiofônico. Ainda sobre a configuração dos estudos radiofônicos, as autoras Gessiela Nascimento da Silva e Roseane Arcanjo Pinheiro, da UFMA realizam uma pesquisa documental nos 17 grupos de trabalho da Compós (2015-2020), um dos principais fóruns acadêmicos da área da Comunicação no Brasil, analisando estudos de podcasting com a perspectiva de gênero. As autoras buscam identificar, nos mais de mil artigos pesquisados, aspectos teórico-metodológicos acionados para compreender o campo e sua correlação com os estudos feministas.

O podcasting é um fenômeno de destaque nos estudos radiofônicos neste dossiê. Alice dos Santos Silva e Renata Barreto Malta, da UFS, apresentam um estudo empírico com mulheres podcasters brasileiras, buscando compreender

os caminhos escolhidos por elas para divulgação de seu trabalho e a relação estabelecida com outras vozes femininas, especialmente nas plataformas digitais. A podosfera também é explorada por Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante e Ana Isabel Reis, da Universidade do Porto, de Portugal. Com olhar centrado no feminismo negro, as autoras desenvolvem uma análise atravessada por questões de gênero e raça, orientada por conceitos como autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle.

As plataformas digitais são abordadas também no rádio em dial no artigo de Sônia Caldas Pessoa, Camila Maciel Campolina Alves Mantovani e Ângela Cristina Salgueiro Marques, da UFMG, que analisam gênero e cultura da confiança no programa Mundo Corporativo, da Rádio CBN. As autoras acionam discussões sobre a valorização da agenda feminina, autonomia e individualização de uma carreira bem sucedida no estudo realizado.

Izani Mustafá (UFMA), Nayane Rodrigues de Brito (UFSC) e Graziela Soares Bianchi (UEPG) analisam a ausência feminina na produção de uma rádio maranhense. A partir de uma observação de rotinas produtivas e entrevistas, as autoras analisam as posições ocupadas por homens e mulheres nos programas jornalísticos da Rádio Boa Notícia.

Já Ciro Götz (PUC-RS) fala sobre a narração esportiva feminina em Porto Alegre. Através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, o autor parte de uma contextualização histórica para realizar um estudo de caso da narração de Clairene Giacobe, da Rádio Estação Web, a partir do estilo, ritmo, velocidade, tipo de voz e grito de gol. O dossiê conta também com uma entrevista com a pesquisadora Valci Zuculoto, da UFSC. Conduzida por Juliana Gobbi Betti, aborda questões históricas e desafios sobre a interface entre rádio e gênero, especialmente a partir de uma pesquisa coletiva conduzida pelas autoras sobre o tema.

Boa leitura a todes!

## Referências

OLIVEIRA, Amurabi; MELO, Marina Félix de; RODRIGUES, Quemuel Baruque de; PEQUENO, Mayres. Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, **Configurações** [Online], 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje). A Mulher na Comunicação – sua força, seus desafios. Aberje: São Paulo, 2022.

FRAGA, Aline Mendonça; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2020, v. 18, pp. 757-769. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120190141> <https://doi.org/10.1590/1679-395120190141x>. Acesso em: 29 nov. 2022.

GOBBI BETTI, Juliana Cristina. Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

KNOBLOCH-WESTERWICK, Silvia; GLYNN, Carroll J. The Matilda Effect—Role Congruity Effects on Scholarly Communication: A Citation Analysis of Communication Research and Journal of Communication Articles. **Communication Research**, v. 40 n.1, pp. 3–26, 2013.

LOPEZ, Debora Cristina; GOBBI, Juliana Cristina; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaína. Metodologia para análise de referências com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife, outubro de 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/debora-cristina-lopez.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MADSEN, Nina. **Mulheres e Comunicação no Brasil: 1995 a 2015**. Ipea: Brasília, 2020.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de; BELCHIOR, João Raposo. Emprego em TICs e gênero no ramo de informática: uma primeira exploração. In: **Ciências Sociais Unisinos**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 27-33, jan.-abr. 2009.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2020, v. 28, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n361002>. Acesso em: 29 nov. 2022.